

VILA NOVA DE GAIA E A 1.^a GRANDE GUERRA

J. A. GONÇALVES GUIMARÃES*

*mas que a guerra foi um crime, inútil, repulsivo e tudo mais,
é hoje coisa universalmente reconhecida.*

Pierre Van Paassen, 1946, p. 67.

1. ENQUADRAMENTO GERAL DO CONFLITO

Um pouco por toda a Europa e outras regiões do globo iniciaram-se neste ano de 2014 diversas ações de evocação do centenário do primeiro grande conflito mundial que decorreu entre 1914 e 1918.

Chamar a História não é apenas uma necessidade das gerações presentes, um respeito pela memória dos que viveram e sofreram os acontecimentos, mas também uma oportunidade de interrogação dos historiadores para explicarem as razões daquela grande mortandade humana e animal – morreram milhões de seres humanos, mas também milhões de animais de transporte, cavalos, mulas, burros, dromedários, cães de guerra, pombos correios, e também milhões de animais domésticos e selvagens, nomeadamente os bancos de peixes destruídos pelos combates navais. Uma hecatombe como nunca se vira.

O cidadão comum e o estudante terão assim também a oportunidade de reverem um acontecimento que infernizou a vida dos seus bisavós, trisavós ou tetravós e sobretudo de se inteirarem das razões pelas quais tal suicídio civilizacional não deveria ter voltado a acontecer. Porque aconteceu, como é sabido: entre 1939 e 1945 deflagrou um conflito bélico ainda maior, a 2.^a Grande Guerra ou 2.^a Guerra Mun-

* Historiador; diretor do Solar Condes de Resende.

dial, que terminou com a destruição atômica de Hiroshima e Nagasaki no Japão, a que se seguiram a Guerra da Coreia, a Guerra do Vietnã e, no que diz respeito a Portugal, a Guerra Colonial em Angola, Guiné e Moçambique, e mais recentemente as guerras do Biafra, do Afeganistão, do Golfo, dos Balcãs, do Iraque, da Líbia e a guerra permanente entre Israel e a Palestina que já dura desde 1948.

Regressemos à 1.ª Grande Guerra: o século XIX, na sequência do desfazer do Império Napoleónico na Europa, assistiu ao eclodir dos nacionalismos, mas também ao reforço dos grandes impérios, como o Britânico, que ia desde o Canadá, passando por África até ao Egito, pela Índia, Austrália e Nova Zelândia e dominar os mares; o Império Russo que abrangia não só a Rússia na Europa mas toda a Sibéria até ao Pacífico; os Estados Unidos que começavam a impor-se na cena mundial e que foram anexando antigas colónias periféricas como Porto Rico e o Hawai e se preparavam para anexar Cuba se os cubanos tivessem permitido; a França, derrotada em 1870 na Guerra Franco-Prussiana, ocupava extensas colónias no Norte de África, o mesmo sucedendo com a Espanha e a Itália. Portugal mantinha as suas colónias em África e presenças simbólicas na Índia, Macau e Timor. Estes eram os países «Aliados», a que se juntaram o Japão, a Bélgica, a Sérvia, a Roménia, o Montenegro e outros, embora nem todos tenham entrado no conflito, como a Espanha, ou só o tenham feito no final, como os E.U.A., a China, o Brasil, e mais alguns países.

Do outro lado beligerante estavam o Império Alemão, onde predominava a Prússia de Bismark (1815-1898), fortemente militarizada desde a Guerra Franco-Prussiana, com capital em Berlim; o Império Austro-Húngaro, com sede em Viena; o Império Otomano, com sede em Istambul, e alguns outros países como a Bulgária e outros próximos nos Balcãs, conforme a sorte da guerra.

Na maior parte dos países aliados havia já democracias instaladas, nas quais, pelo menos os parlamentos e o governo eram eleitos por sufrágio popular; noutros, como na Rússia, tal não acontecia. Do «outro lado» a situação era idêntica, o voto popular poderia ter travado o conflito, mas não o fez. Os enormes exércitos então constituídos, imbuídos de um espírito belicista e nacionalista, acreditavam numa guerra rápida, «que acabaria antes do Natal» de 1914. Tal não aconteceu, como se veio a verificar.

Mas o que é que estava em causa? Antes de mais a supremacia do Império Britânico que controlava o acesso às matérias primas em todo o mundo, desde o trigo da Rússia, aos metais e madeiras de África, até ao, cada vez mais importante, petróleo do Médio Oriente, no que era aqui contrariado pelos turcos e o seu Império Otomano que abrangia os países árabes e a velha Palestina.

As potências centro-europeias, geoestrategicamente espartilhadas entre o Ocidente e a Rússia, como os alemães e os austro-hungaros, tentavam também manter colónias em África ou estabelecer parcerias com povos recentemente espoliados pelas potências ocidentais, como fora o caso da China – onde os alemães ainda tinham

um enclave colonial – e outros países do Pacífico. Por outro lado nunca aceitaram que alguns países da sua periferia, como a Dinamarca, a Holanda, a Bélgica – esta última também tinha colónias em África – o Luxemburgo, os países dos Balcãs e a própria Grécia, se aliassem à França e ao ocidente, e assim saíssem do eixo Centro Europeu/Otomano para o eixo ocidental.

Costuma considerar-se o assassinato do arquiduque Francisco Fernando da Áustria e sua mulher, em Sarajevo (Bósnia), por um estudante a 28 de junho de 1914, como motivo imediato para o despoletar desta guerra, mas esse foi apenas um episódio simbólico. As suas causas são muito mais profundas. Porém é certo que as ameaças diretas entre os vários povos se iniciaram logo a 2 de agosto com a ocupação do Luxemburgo pela Alemanha, a que se seguiu a Bélgica e depois a França, em cujo território se vai desenrolar o principal teatro de guerra, mas não o único, pois os conflitos alastram a todo o mundo, na terra, no mar e no ar, com a aviação e o tanque de guerra a serem a «novidade militar» deste conflito. E os gases tóxicos lançados sobre o inimigo, o início da «guerra química»¹.

2. PORTUGAL NA 1.ª GRANDE GUERRA

Em Portugal, jovem república implantada em 1910 e país a braços com imensos problemas económicos sociais e culturais, com conflitos latentes ou evidentes entre monárquicos, republicanos e anarquistas, os políticos e os cidadãos dividiam-se entre o permanecer neutral, o apoiar a «velha aliada» (a Inglaterra), que afinal nos traíra com o Ultimato de 1890 e nos explorava diariamente com os seus empréstimos a juros altos na Bolsa de Londres, ou apoiar os impérios centro europeus, que também estavam interessados nas colónias portuguesas em África².

Não é verdade que Portugal só tenha entrado no conflito em 1916 ou então, tal só o é, para o teatro de operações na França e Bélgica, para onde segue o CEP (Corpo Expedicionário Português) a 30 de janeiro de 1917. Mas logo a 18 de agosto de 1914 Portugal mobilizara tropas para defenderem a fronteira sul de Angola e a fronteira norte de Moçambique, que separavam estas colónias portuguesas das alemãs. É neste cenário de guerra que vão morrer muito mais soldados portugueses do que na Flandres, só que muitos não morreram nos combates, que aqui foram esporádicos, mas sobretudo de doenças, de fome e de carências de toda a espécie, face ao abandono a

¹ Existe muita e variada bibliografia sobre a 1.ª Grande Guerra, mas cremos que se lerá com proveito as sínteses GILBERT, 2007 e STONE, 2011. Recomendariamos ainda o testemunho pessoal sobre a época de VAN PAASSEN, 1946.

² Sobre a participação de Portugal no conflito ver AFONSO & GOMES, 2010 e alguns artigos da série de suplementos sobre a «Primeira Guerra Mundial 1914 – 2014», publicados pelo jornal «Público» entre 28 de julho e 6 de setembro de 2014.

que foram votados pelos generais de Lisboa e pela falta de preparação para atuarem numa região com condições que de todo não conheciam. É uma página negra da História de Portugal que não tem sido estudada, ou tem mesmo sido escondida pelos factos vergonhosos que realmente apresenta, nomeadamente por parte das chefias militares da época, que sempre preferiram enaltecer a “Batalha de La Lys”, também ela um desastre para as tropas portuguesas, mas que se passou no teatro heróico dos que venceram a guerra. Preferiram o «soldado desconhecido» aos milhares de soldados perfeitamente identificados que morreram ou ficaram para sempre estropiados. E, como é sabido, não há generais desconhecidos³.

3. VILA NOVA DE GAIA E A 1.ª GRANDE GUERRA

Mas, afinal, o que é que Vila Nova de Gaia terá a ver diretamente com isto tudo, para além, obviamente, de fazer parte do contexto nacional que esteve ligado ao conflito? Antes de mais existe aqui um quartel militar, na Serra do Pilar, que mobilizou soldados para África e para França, e onde ainda hoje se podem encontrar memórias dessa participação, nomeadamente peças de artilharia da época, e outras. Depois talvez importe analisar as evidências materiais da época que chegaram aos nossos dias as quais nos levantam curiosas interrogações: sabendo-se que estamos perante anos difíceis na vida das pessoas, de desemprego, carências generalizadas e mesmo fome, o que é certo é que se constroem em Vila Nova de Gaia nesse tempo alguns edifícios caros e de boa qualidade, como o Sanatório Marítimo do Norte em Valadares, que haveria de acolher soldados doentes e gaseados no final do conflito⁴, o próprio edifício dos Paços do Concelho⁵ e outros edifícios particulares⁶. A que se deve tal aparente contradição? É que, enquanto a generalidade da população passava privações, algumas empresas gaienses lucravam imenso com a guerra, fornecendo matérias primas e produtos aos beligerantes, nomeadamente vinhos e conservas, ou seja, os seus proprietários ficaram ricos, ou muito ricos com a guerra e assim puderam investir naquelas construções e no crescimento das suas empresas⁷.

³ Cf. CARVALHO, 2011; *idem*, 2014; ROCHA, 2014; JERÓNIMO, 2014.

⁴ Sobre este hospital ver TEMUDO, 2008: 51 e seguintes e ainda AMARAL, 2007.

⁵ Cf. TEMUDO; 2008: 60 e seguintes.

⁶ Como é o caso da fachada em estilo Deco, da entrada para a Quinta da Boeira, lado nascente pela rua Teixeira Lopes, erguida sob a direção do arquiteto Borges d'Oliveira para o capitalista António Eduardo Glama em 1918. No interior o projeto dos jardins foi entregue à casa Alfredo Moreira da Silva & Filhos; cf. Ilustração Portuguesa, II série, n.º 622, p. 59. Agradeço esta referência à Dr.ª Teresa Santos.

⁷ Não temos ainda um estudo para a atividade económica do município entre 1914 e 1918, mas apenas dados avulsos para algumas empresas, veja-se contudo GUIMARÃES, 2010 e, para o país e a indústria conserveira em geral, LAINS, 2014 e SILVA, 2014.

Um outro aspeto pelo qual Vila Nova de Gaia vai estar ligada ao conflito, ainda que por motivos tristes, é que foi daqui, a partir de soldados desmobilizados pelo Quartel da Serra do Pilar que tinham regressado das colónias, que teve início a «gripe pneumónica», que rapidamente se espalhou por todo o Vale do Douro e depois por todo o país, e que matou mais de cem mil portugueses, que estavam «em paz» nas suas casas. Um dos que então morreram foi o pintor Amadeu de Souza-Cardozo, que por aqui andava a flunar pela Granja e Espinho⁸.

Não existe ainda qualquer estudo sobre os gaienses que participaram no conflito, quer portugueses, quer filhos ou netos de ingleses de há muito aqui radicados⁹. No entanto, com o nome dos soldados mortos da freguesia de Santa Marinha, temos uma lápide em bronze, colocada na fachada do edifício da respetiva Junta na rua Cândido dos Reis – que à data servia de Paços do Concelho enquanto decorria a construção do novo edifício -, e uma outra, uma peanha em mármore embutida na parede sul do interior da igreja do Mosteiro de Pedroso, com o nome dos mortos desta freguesia, a qual suporta uma imagem de Nossa Senhora das Trincheiras, um culto religioso católico criado por um capelão adjunto do CEP ligado ao Seminário dos Carvalhos e que ele estendeu a todo o território português, pois quase todas as terras tiveram mortos na Grande Guerra. Por isso nas igrejas de muitas delas ainda hoje se pode encontrar esta imagem, às vezes designada como Senhora das Graças, hoje já esquecida da sua primitiva designação e significado, pois este culto rapidamente foi substituído, a partir dos anos vinte, pelo de Nossa Senhora de Fátima, cujos promotores também o ligaram à questão do fim da 1.ª Grande Guerra e ao regresso dos soldados¹⁰.

4. A ESCOLA DE GAIA E OS MONUMENTOS AOS MORTOS

Mas foi sobretudo através da escultura que o município se ligou ao primeiro conflito mundial. Quase todos os escultores da chamada Escola de Gaia fizeram monumentos evocativos do conflito que hoje permanecem em praças públicas de Portugal, de França e das antigas colónias portuguesas.

Sem querer ser exaustivo, vejamos os principais escultores gaienses que ergueram monumentos aos Mortos da Grande Guerra: logo em 1919 é inaugurado na Praça Carlos Alberto no Porto um grupo escultórico constituído por um alto padrão com um guerreiro antigo na base, da autoria de Oliveira Ferreira (1883-1942), o qual porém

⁸ Cf. DIAS, 1979: 16 – 24; FRANÇA, 1972: 62 e CASTRO, 1973, cartaz reproduzido na página 481.

⁹ Pelo menos um neto de Diogo Cassels morreu na 1.ª Grande Guerra em dezembro de 1915, tendo ainda nela participado três dos seus sobrinhos, cf. PEIXOTO, 2001: 473. Não temos por ora dados sobre casos idênticos em outras famílias britânicas aqui radicadas.

¹⁰ Cf. NOGUEIRA, 1997 e ainda ARAÚJO, 2014.

não agradou à população, que não percebendo a sua mensagem o fez alvo de anedotas e humor de revista na rua e nos teatros. Por esse motivo foi retirado em 1925 e substituído por outro monumento que ainda hoje lá se encontra e de que adiante falaremos¹¹.

Entretanto em dezembro de 1921, por iniciativa de antigos combatentes liderados pelo general Gomes da Costa, é criada uma Comissão dos Padrões da Grande Guerra, que virá a ser responsável pela construção de vários monumentos em França, Angola, Moçambique e Açores, além de muitos outros espalhados pelo país, se bem que muito deles tenham sido levantados com a colaboração de comissões locais.

Um dos mais emblemáticos foi inaugurado em La Couture, Nord-Pas de Calais, França, a 10 de novembro de 1928, da autoria de Teixeira Lopes (1860-1942)¹².

Nesse mesmo ano é inaugurado um novo monumento na Praça de Carlos Alberto no Porto, da autoria de Henrique Moreira (1890-1979), que aliás viria a ser o autor do maior número destas evocações, pois nesse mesmo ano é inaugurado um outro monumento na Régua, também de sua autoria, em 1930 inaugura o de Oliveira de Azeméis, em 1935 os de Portalegre e de Luanda, Angola, entretanto vandalizado depois de 1974, e em 1937 o de S. João da Madeira.

Por sua vez Sousa Caldas (1894-1965), que já colaborara com Henrique Moreira noutros monumentos, realiza em 1934 o de Aveiro.

Em 1936 Diogo de Macedo (1889-1965) concebe um grupo escultórico com dois marinheiros, alusivo aos combates entre a Marinha de Guerra portuguesa e os submarinos alemães, embutido na muralha do Forte de S. Bruno em Ponta Delgada, nos Açores.

Sendo o mais recente, em 1941, José Maria Sá Lemos (1892-1971), então professor em Estremoz, concebe para a principal praça desta vila um grupo escultórico em bronze muito dinâmico, em que um soldado português substitui na metralhadora sobre o parapeito da trincheira um camarada caído em combate.

Para além dos escultores também pelo menos um pintor de azulejos gaiense deixou imagens da 1.^a Grande Guerra em composições de grandes dimensões, como é o caso do grupo de três painéis figurativos com cenas de artilharia de campanha existente no Quartel da Serra do Pilar, ladeados por dois outros painéis com as batalhas e combates onde os sucessivos regimentos ali aquartelados tomaram parte. Pintados por A. Moutinho e cozidos na desaparecida Fábrica do Carvalhinho em 1938, apresentam grande qualidade gráfica¹³.

Para além destas esculturas e pinturas alusivas ao conflito é possível que existam mais algumas outras de artistas gaienses espalhadas pelo país, ex-colónias e até outros países europeus ou no Brasil.

¹¹ Cf. COUTO, 2003: 31; sobre estes monumentos ver MATOS, 2007: 187 e seguintes.

¹² Cf. LOPES, 1968: 522 e várias outras páginas.

¹³ Sobre a Fábrica do Carvalhinho e alguns dos seus pintores ver MARTINS, 1984: 447- 468.

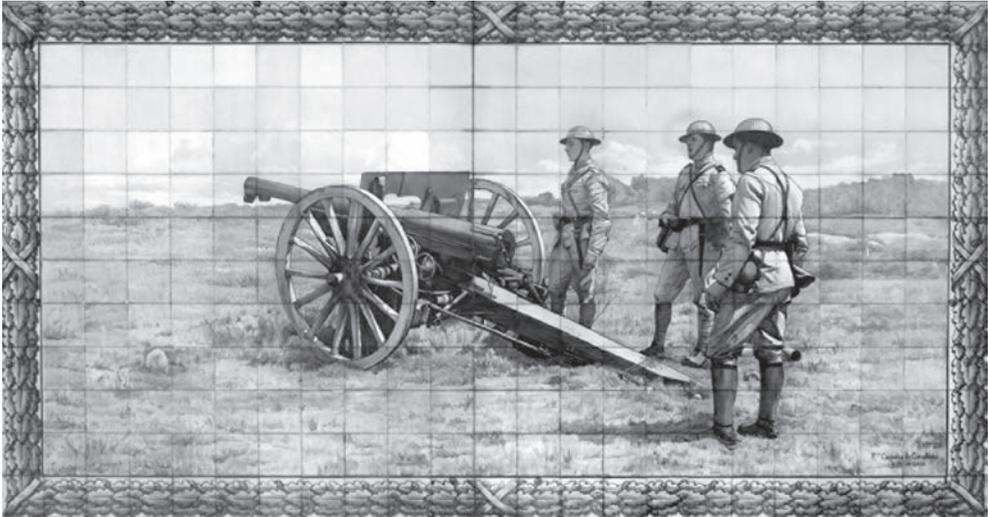


Figura 1 – Painel de azulejos alusivo à I Grande Guerra no Quartel da Serra do Pilar, pintado por A:Moutinho, Fábrica do Carvalhinho, 1938; fotografia de J. A. Gonçalves Guimarães

5. MUSEOLOGIA E COLECIONISMO

No município existem pelo menos dois núcleos museológicos com peças da época: o mais importante é o do Quartel da Serra do Pilar, composto por peças de artilharia, mas também por outras armas, fardamento e equipamento, e outros objetos. Também no Solar Condes de Resende, na Coleção Marciano Azuaga, existem três peças da 1.ª Grande Guerra: um capacete e uma espingarda Lee-Enfield, modelo 1916, britânicos, e uma máscara anti-gás alemã¹⁴.



Figura 2 – Capacete de ferro M1915 (britânico); Solar Condes de Resende; fotografia de Susana Guimarães



Figura 3 – Espingarda Lee-Enfield MK3, 1916 (britânica); Solar Condes de Resende; fotografia de Susana Guimarães



Figura 4 – Respirator M 1917 (alemão); Solar Condes de Resende; fotografia de Susana Guimarães

¹⁴ Sobre esta Coleção ver GUIMARÃES & GUIMARÃES, 2010: 238-256.

Não havendo no município um único antiquário credenciado para a venda de peças históricas, o património das famílias tem sido desbaratado no seu significado e enquadramento, o que é muito mau para a História Local. O Clube de Colecionadores de Gaia, nas suas feiras e exposições, apresenta algumas peças com interesse para este tema, sobretudo a nível da cartofilia.

6. DOCUMENTAÇÃO INÉDITA

Documentação inédita sobre Vila Nova de Gaia e a 1.ª Guerra Mundial é possível encontrá-la no Arquivo do Ministério das Finanças, onde existe a lista completa dos soldados mortos e feridos e respetivas pensões. Também se encontra no Arquivo Municipal de Vila Nova de Gaia e nos arquivos das empresas de Vinho do Porto abundante documentação sobre a vida no Entrepasto de Gaia e as exportações de vinhos, sendo possível que outros arquivos e coleções, sobretudo privados, ainda venham a revelar interessantes documentos e objetos sobre esta época histórica e os seus intervenientes no que ao município diz respeito.

Escrito por um soldado gaiense, José Pereira do Couto Soares 1º Cabo de Infantaria n.º 6, existe um caderno manuscrito intitulado «1917 – 1919 Expedição Militar à África Oriental (Província de Moçambique). Memórias de um expedicionário» seguido de uma antologia de poesia e outros textos autobiográficos. Naquele primeiro texto relata com pormenor a situação no país e as ocorrências da sua vida militar desde Gaia até Lisboa e Moçambique, constituindo este relato um precioso documento, ainda inédito:

Trago comigo uma série de apontamentos colhidos na ocasião em que os acontecimentos tiveram lugar e por isso sob a impressão viva dos mesmos acontecimentos. Coligir essas notas ligando-as entre si pela sua ordem cronológica, eis o que vou tentar fazer, tanto mais que elas são para mim a recordação amarga, a lembrança horrorosa dos atropelos e violências de que foram vítimas todos os soldados expedicionários à África Oriental.

Assim começa a sua narrativa que conta com abundantes pormenores a presença dos militares portugueses naquela colónia, os quais face ao abandono a que foram votados pelo governo da República, chegaram a andar rotos, descalços, com fome e a mendigar nas ruas de Lourenço Marques. Este relato termina com as seguintes palavras:

Agora vou na estrada que conduz à minha aldeia e penso...Penso e sinto-me revoltado. Eu nunca fui crente, mas agora sinto-me scético. Não creio que haja um Deus que sancione tanta infâmia, nem concebo o amor a uma pátria que deixa morrer tantos dos seus filhos à fome e ao abandono, cobertos de miséria e opróbrio. Penso que depois dos absurdos proclamados pelas várias religiões, há esta nova religião que nos ensina a amar a Pátria, organizada em Estado que nos não deixa viver em paz, na doce alegria do nosso torrão natal. É pois a divisão do mundo em pátrias diversas que gera as guerras devastadoras,

são os grandes capitalistas que dentro das respectivas pátrias se arvoram em mandões e atiram para a carnificina os pobres trabalhadores só para que eles possam continuar a ser grandes, é esta criminosa organização da sociedade em estados e hierarquias, que um dia levará os povos a uma vingança terrível. Se agora o meu regresso trouxe a alegria ao meu lar, há milhões de criaturas que em todo o mundo pranteiam seus mortos e estes lá das terras frias da Bélgica e da França, dos confins ardentes da África ou do fundo tenebroso dos mares, erguem um clamor tremendo de maldição contra a organização social injusta que os sacrificou para satisfação de inconfessáveis ambições¹⁵.

7. BIBLIOGRAFIA INTERESSANTE

O Solar Condes de Resende tem no seu Centro de Documentação alguma bibliografia rara ou pouco conhecida sobre o conflito, como é o caso, entre outras obras, do insólito poema épico *A Europiada* de Artur Botelho, uma tentativa de emulação do poema da Camões, neste caso sobre a 1.ª Grande Guerra, estando para serem publicados nos próximos tempos alguns estudos sobre o tema e a época pelos investigadores do Gabinete de História, Arqueologia e Património¹⁶.

Este nosso texto mais não visa por agora do que apresentar uma introdução aos estudos locais sobre a Primeira Grande Guerra que serão apresentados nos próximos quatro anos.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos de Matos (2010) – *Portugal e a Grande Guerra 1914-1918*. Matosinhos: QuidNovi.
- AMARAL, Anabela Araújo de Carvalho (2007) – *Vivências Educativas da Tuberculose no Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliântia (1917-1955)*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Tese de Mestrado.
- ARAÚJO, António (2014) – *A guerra e o sagrado*. «Primeira Guerra Mundial 1914-2014». Lisboa: Público, n.º 21, 17 de agosto.
- BAPTISTA, Eva (2014) – *Bernardo de Almeida Lucas – A ação do deputado da nação eleito pelo Círculo n.º11 (Gaia) durante a Grande Guerra (1914-1918)*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», n.º 78, Junho. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia, p. 38-45.

¹⁵ Na mão de seu neto Dr. Fernando Rui Soares, que tenciona publicá-lo neste centenário do conflito e a quem agradecemos o ter-nos facultado uma cópia deste álbum que seu avô nos deu a ler na década de sessenta do século passado e de que nunca mais esquecemos o conteúdo. José Pereira do Couto Soares perfilhava o ideal anarquista, conforme se pode ver pelos trechos que agora divulgamos, pela transcrição neste álbum da versão anarquista dos versos de *A Portuguesa*, o hino nacional, bem diferentes da versão de Henrique Lopes de Mendonça, e até por muitos dos poemas da sua antologia pessoal também transcrita nesta álbum.

¹⁶ Como é o caso de BAPTISTA, 2014 sobre o deputado gaiense Bernardo Lucas.

- BOTELHO, Artur (1935) – *A Europiada. Poema épico sobre a Grande Guerra*. Porto: Alfredo Araújo editor.
- CARVALHO, Manuel (2011) – *A longa marcha do alferes Jacinto entre feras e alemães*. «Primeira Guerra Mundial 1914 – 2014». Lisboa: Público, 18 de setembro, p. 16-17.
- CARVALHO, Manuel (2014) – *A Grande Guerra que Portugal quis esquecer* (seguida de outros textos). «Primeira Guerra Mundial 1914 – 2014». Lisboa: Público, n.º 1, 28 de junho a n.º 11, 7 de agosto.
- CASTRO, António Paes de Sande e (1973) – *A Granja de Todos os Tempos*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal.
- COUTO, Júlio (2003) – *Praça de Carlos Alberto*. Porto: Livraria Vieira.
- DIAS, Viriato (1979) – *A pneumónica foi o pesadelo...* «Os Grandes Acontecimentos da História», n.º 4, julho. Lisboa: Editorial Globo, p. 16-27.
- FRANÇA, José-Augusto (1972) – *Amadeo de Souza-Cardoso*, 2.ª edição. Lisboa: Editorial Inquérito.
- GILBERT, Martin (2007) – *A Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (2010) – *Republicanos, monárquicos e outros. As vereações gaienses durante a 1.ª República (1910-1926)*. Vila Nova de Gaia: Confraria Queirosiana.
- GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; GUIMARÃES, Susana (2010) – *O Núcleo Chinês da Coleção Azuaga: o colecionismo como lazer*. «Zhongguo Yanjiu – Revista de Estudos Chineses», n.º 6. Lisboa: Instituto Português de Sinologia, p. 238-256.
- Ilustração Portuguesa, II série, n.º 622. Lisboa, 21 de Janeiro de 1918.
- JERÓNIMO, Miguel Bandeira (2014) – *Os choques da civilização testemunhos, horrores e silêncios*. «Primeira Guerra Mundial 1914 – 2014». Lisboa: Público, n.º 40, 5 de setembro.
- LAINS, Pedro (2014) – *Lições económicas da Primeira Guerra Mundial*. «Primeira Guerra Mundial 1914 – 2014». Lisboa: Público, n.º 30, 26 de agosto.
- LOPES, A. Teixeira (1968) – *Ao correr da pena. Memórias de uma vida...*, publicadas e prefaciadas por B. Xavier Coutinho. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal.
- MARTINS, Fausto (1984) – *Subsídios para a História da Fábrica Cerâmica do Carvalhinho*. «Gaya», vol. II. Vila Nova de Gaia: Gabinete de História e Arqueologia, p. 447-468.
- MATOS, Lúcia Almeida (2007) – *Escultura em Portugal no século XX (1910-1969)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- NOGUEIRA; Fernanda (1997) – *Nossa Senhora das Trincheiras em Pedroso*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia», n.º 43, Junho. Vila Nova de Gaia: Associação Cultural Amigos de Gaia, p. 49/50.
- PEIXOTO, Fernando (2001) – *Diogo Cassels uma Vida em Duas Margens*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal.
- Primeira Guerra Mundial 1914 – 2014. Lisboa: Público, 28 de julho a 6 de setembro de 2014.
- ROCHA, João Manuel (2014) – *A frente esquecida: Angola*. «Primeira Guerra Mundial 1914-2014». Lisboa: Público, n.º 35, 31 de agosto.
- SILVA, Ana Rute (2014) – *A I Guerra Mundial deu “lucros, muitos lucros” à indústria de conservas*. «Primeira Guerra Mundial 1914-2014». Lisboa: Público, n.º 36, 1 de setembro.
- SOARES, José Pereira do Couto (s/d) – *Memórias de um expedicionário à África Oriental, uma coleção de poesias selecionadas, e A Minha Vida Contada...*, caderno manuscrito inédito.
- STONE, Norman (2011) – *Primeira Guerra Mundial. Uma História Concisa*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- TEMUDO; Alda Padrão, coord. (2008) – *Francisco d'Oliveira Ferreira o Arquitecto de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal.
- VAN PAASSEN, Pierre (1946) – *Estes Dias Tumultuosos*. Lisboa: Livros do Brasil.